

ÍNDIOS E JESUÍTAS NO ITATIM: ENCONTROS, DESENCONTROS E MISTIÇAGENS.

Neimar Machado de Sousa (UCDB)

RESUMO: Este artigo é parte de uma pesquisa maior sobre a Redução de *Nuestra Señora de la Fe*, fundada em 1631, no alto rio Paraguai, a partir da releitura das cartas ânuas dos jesuítas que atuaram na região do Itatim e Assunção. A leitura dos relatos produzidos pelos missionários permitiu desvelar uma situação específica de contato e intersecção em universos religiosos, conceituais e temporais díspares. À instável acomodação produzida entre missionários cristãos e índios, somou-se a pressão das “malocas” bandeirantes, provocando o alargamento à oeste das fronteiras portuguesas. O contato entre culturas no Itatim foi um embate entre duas formas de lidar com a realidade, produzindo mestiçagens nem sempre mencionadas - e por vezes negada - nas cartas ânuas. A análise das práticas xamanísticas e da resistência indígena mencionadas ou silenciadas deixam transparecer o caráter híbrido das relações estabelecidas entre índios e jesuítas no Itatim.

PALAVRAS-CHAVE: História Indígena, resistência, reduções.

ABSTRACT: This article is part of a larger research about the Reduction of *Nuestra Señora de la Fe*, founded in 1631, in the high river Paraguay, starting from the reading of the Jesuits' annual letters that acted in the area of Itatim and Assumption. The reading of the reports produced by the missionaries allowed revealing a specific situation of contact and permeability of universes religious, conceptual and chronological different. To the unstable accommodation produced among Christian and Indian missionaries, the pioneers' action was added, provoking the enlargement to west of the Portuguese borders. The contact among cultures in Itatim was a collision between two forms of working with the reality, producing biological and cultural mixtures not always mentioned - and per times denied - in the annual letters. The analysis of the practices of indigenous resistance mentioned or silenced allows analyzing the hybrid character of the established relationships indirectly between Indians and Jesuits in Itatim.

KEY-WORDS: Indigenous history, resistance, reductions,

Introdução

Um texto sobre os hibridismos nascidos desde o encontro entre duas visões de mundo produzidas no contexto da conquista espiritual do Itatim deve considerar algumas características do cristianismo ibérico como elementos norteadores na constituição do imaginário dos missionários jesuítas que levaram a cabo esta tarefa em terras pantaneiras onde hoje está o estado de Mato Grosso do Sul.

As culturas caracterizam-se pela heterogeneidade e com o cristianismo ibérico não podia ser diferente. A península ibérica, ocupada pelos visigodos, no século V, assimilou-os por meio de um catolicismo onde não havia separação entre papado e monarquia. Este sistema começou a mudar no início do século VIII com a chegada de um outro universo cultural: os árabes. Nos domínios árabes instalou-se certa tolerância religiosa muito embora os cristãos iniciaram uma Guerra Santa para livrar a Europa do domínio muçulmano sob o signo de Santiago. A Guerra da Reconquista, antes de ser religiosa, era uma guerra contra o outro que ameaçava a “pureza” da fé cristã. Expandir os domínios territoriais implicava tornar sólida também a ortodoxia cristã. Nesta guerra envolveram-se numerosos exércitos e havia uma possibilidade de enriquecimento para os nobres nela envolvidos pois poderiam obter terras e honrarias.

A reconquista foi liderada pelo reino de Castela que, com a saída dos mouros, saiu fortalecido ampliando suas redes de comércio atlântico. Desta forma, o modelo de conquista de América será castelhano. À reconquista seguiu-se a conquista. A conquista da América se fez sobretudo por riquezas muito embora neste momento o capitalismo não estivesse ainda estabelecido tinha um ar de feudalismo devido ao longo processo de transição pelo qual a Europa vinha passando. Este processo é marcado por transformações não lineares onde há rupturas e recuos. De todo modo a expansão comercial fazia parte de um pacote onde se encontravam também o espírito das cruzadas, a intolerância, a busca de novas terras, súditos e fiéis.

Neste cenário é compreensível que os índios, embora numerosos num primeiro momento fossem reduzidos a bem poucos num período de tempo relativamente curto. Mercantilismo e conquista espiritual não eram realidades muito distantes no Novo Mundo. A Espanha da conquista era aristocrática, agrária e católica e os artífices da conquista eram formados em parte por aquela pequena nobreza sem terra que mirava no Novo Mundo as honrarias e riquezas não alcançadas durante a reconquista.

A exploração predatória da mão-de-obra também foi artística e ecológica. O Novo Mundo era tão grande que os conquistadores agiram como se árvores, riquezas e índios fossem recursos ilimitados nas novas terras. Conquistada uma área tratava-se apenas de encontrar outras. Neste sentido índio era mais um elemento da paisagem reduzida e a conquistada na América.

Na América, os “mouros” não eram infiéis, mas pagãos que deveriam tornar-se virtuosos e racionais, plenamente homens como os europeus.

O imaginário e a experiência dos europeus foram transferidos para a América num processo de ocidentalização crescente do mundo, onde o México, Peru e Paraguai entre outros se viram transformados em verdadeiras réplicas da sociedade européia. (BERNAND e GRUZINSKI, 1997, p. 15-16).

O Itatim e a Missão de Nuestra Señora de la Fé

A conquista dos índios do Itatim é uma continuidade da luta contra os infiéis iniciada na península ibérica com a reconquista. A ocupação do Itatim está inserida no contexto da conquista espanhola da região da Bacia do Prata iniciada em 1536¹. Os espanhóis e a numerosa mestiçagem de Buenos Aires e Assunção buscavam no Itatim informações que os levassem às fabulosas riquezas dos incas com os quais os Guarani mantinham intenso comércio através do rio Paraguai. No avanço em direção às riquezas, os primeiros conquistadores eram embalados por sonhos como a Serra de Prata e o Rei Branco ou o "Eldorado" amazônico. Assim surgiram outras lendas quando estes aventureiros foram detidos em sua penetração pela grande área inundada, tida por eles, na época, como um grande lago – que acreditavam tratar-se da Lagoa de Xaraés² onde nasceria o rio Paraguai. Esta lenda é relatada pelo soldado Ulrich Schmidl, um aventureiro alemão que veio para a América como membro da expedição do adelantado³ Cabeza de Vaca até Assunção e depois partiu em busca da "Serra da Prata" (COSTA, 1999, p. 33-43).

Buscando a Serra de Prata, os espanhóis descobriram a região do Itatim, fundaram cidades como *Santiago de Jerez*, *Santa Cruz de la Sierra*, as reduções de Santo Inácio e *Nuestra Señora de la Fe* e escravizaram os Guarani. Os súditos de Castela permaneceram por dois séculos nesta região e o choque com as bandeiras paulistas por causa da mão de obra indígena transformou a região em posse lusitana no século XVIII, por ocasião do Tratado de Madri (1750).

Em 1633, o jesuíta Diego Ferrer, superior das Missões do Itatim, em carta ânua ao superior em Assunção assim descreve a geografia e “etnografia” da região:

Nuestro Itati tiene de parte del Oriente a la dicha cordillera, al Poniente tiene al río Paraguay, de la parte del Norte tiene al río Butetey que entre en el Paraguay que esta cuajado de muichissimos gualachos labradores de que hablaremos después, y hazia el sur tiene los pueblos que corren hazia la Assumpcion. Su altura o elevación de polo sobre el

Horizontes es de diez e nueve grados hasta veynte e dos grados y medio hazia el sur. (...) esta tierra del Itati es muy fragosa y por esto se llama Itaati que quiere dezir piedras con puntas por los muchos pedregales que hay en ellas. (CORTESÃO, 1951, p. 29-30)

Dentro da categoria etnografia, o jesuíta descreve aspectos morfológicos, climáticos e um pouco mais adiante informa serem os índios da região divididos em duas parcialidades: falantes e não falantes de guarani. Em seu relato, o missionário expôs a viabilidade da instalação de uma missão nos campos que se avizinhavam à vila de *Santiago de Jerez*.

Neste recorte de relato observa-se que o missionário atribui maior espaço à paisagem natural que ao componente humano que a complementa. Sua preocupação é quanto aos limites latitudinais (Serra de Maracajú e Rio Paraguai) e longitudinais (do Rio Miranda chegando até Assunção). Segundo padre Diego Ferrer, o Itatim é a região compreendida entre os seguintes limites naturais: a leste, a Serra de Amambai e a oeste, o rio Paraguai; ao sul, o rio Apa⁴ e ao norte o rio Taquari, sudoeste do Mato Grosso, portanto.(Cf. CORTESÃO, 1951, p. 30)

A palavra Itatim tem sua origem na língua guarani (*ita* = pedra e *tin*, contração de *morotin* = branca) e seu significado é Pedra Branca.

A missão de *Nuestra Señora de la Fe* é uma das mais antigas no Itatim, pois, assim que chegou o Pe. Diego Ferrer (1631), estabeleceu na aldeia de Araquay a missão, aí permanecendo até os primeiros ataques bandeirantes na região do Itatim em 1632.

Em Araquay, os jesuítas Vicente Hernández e Vicente Badia tornaram-se muito estimados por Diego Paracu, cacique da aldeia Araquay e do povoado chamado de *Tare*. A missão ficava distante de Assunção quase 100 léguas (Cf. CORTESÃO, 1951, p. 89) e nove dias de caminhada ao norte da missão mais próxima.

José Sanchez Labrador (mapa Nº 95 da Cartografia Jesuítica), indica a proximidade da aldeia de Paracu e da missão de *Nuestra Señora de la Fee*. Indica ainda abandono após os ataques bandeirantes de 1632 e o estabelecimento da missão na margem esquerda do rio Miranda (*Mbotetey*⁵) bem próximo à sua desembocadura no rio Paraguai. Na região havia um ponto de passagem para a outra margem do rio Paraguai, território do Guaicuru, o que naturalmente desagradou aos jesuítas, pois poderia contaminar a pureza de costumes dos neófitos.

Na região as grandes riquezas eram os ervais de *Mbaracayú*. Segundo Montoya, eram nativos e largos, (duas ou três léguas). Outra grande riqueza da terra era a mão-de-obra que já escasseava em Assunção. Em pouco tempo o povoado-acampamento de *Mbaracayú* transformou-se num ossário, porque os índios tinham de carregar entre cinco e seis arrobas (algo em torno de 90 kg) de erva-mate nas costas por distâncias de até 120 km.⁶

A redução de *Nuestra Señora de la Fe* permaneceu no Itatim de 1633 até 1647, quando novos ataques dos paulistas forçaram a sua descida até o atual Paraguai, nas imediações de Assunção. A missão foi fundada pelo jesuíta Vicente Hernández e tinha importância estratégica pois era uma ponte para a outra banda do rio Paraguai e dali até os Chiriguana na Bolívia. (Cf. CORTESÃO, 1951, p. 51)

As mestiçagens

Na opinião de GRUZINSKI (2001, p. 42), mestiçagem é mistura de seres humanos e imaginários. A mestiçagem do ponto de vista cultural implica sobrevivência onde os contrários muitas vezes se interpenetram. Segundo o mesmo autor, as ciências sociais têm dificuldade para pensar o híbrido e dentro desta lógica pensar a História da América é ir além das categorias de bom índio e mau europeu. A colonização criou espaços entre as tradições européia e ameríndia.

O Itatim e a redução de *Nuestra Señora de la Fé* encaixam-se nesta categoria de laboratórios onde “as partes outrora separadas pareciam de novo soldadas, sem ainda terem se tornado uma peça inteira” (GRUZINSKI, 2001, p. 49).

A própria formação de Assunção, núcleo de onde partiu o povoamento do Itatim, deixa transparecer uma acomodação de interesses espanhóis e Guarani. Em 1537, um grupo de espanhóis, fugindo de Buenos Aires devido à resistência imposta pelos nativos, fundaram Assunção, onde já estivera o naufrago Aleixo Garcia (1524-1526), retornando após saque em províncias fronteiriças no Império Inca. Os espanhóis se fixaram em Assunção, após serem convidados pelos Guarani (*Cario*) para permanecerem no local, passaram então a ser "parentes" dos Guarani que lá habitavam.

Em princípio, os espanhóis aproveitaram a extensão dos laços familiares Guarani e tomaram índias por esposas, desta forma tiveram ingresso entre os Guarani na categoria de *tovayá*⁷, ou seja, cunhados. Entre os Guarani, a categoria de *tovayá* implicava obrigações sociais de prestar serviços e em alguns casos acompanhar expedições guerreiras. Foi este tipo de relação que caracterizou as relações entre os colonos de Assunção e os Guarani no início da colonização do Paraguai.

A instituição do *cuñadazgo* nos domínios espanhóis acabou por transformar o Guarani, afastando-o da esfera de influência do *tekó'há* que geralmente ficava longe da cidade e confiná-lo no *tava*⁸ como reserva de mão-de-obra. A tentativa de transformar os índios em trabalhadores passava pela mestiçagem. Na medida em que havia decréscimo populacional por meio das epidemias, os Guarani foram sendo degradados de aliados em escravos. Logo após a sua fundação, Assunção viu-se transformada numa cidade de *criollos*⁹, devido à "fecundidade" dos espanhóis.

Processo semelhante foi identificado nas origens de São Paulo por John Manuel MONTEIRO (1999, p. 55), onde os portugueses, inicialmente aliados dos Tupi, pouco tempo depois assumem uma posição ofensiva de trágicos resultados, pois "no curto espaço de duas gerações, os principais habitantes da região de São Paulo tinham vivido a destruição de aldeias e a desintegração de suas sociedades".

Por outro lado é oportuno lembrar a conferência do historiador Roberto QUEVEDO (2002, p. 439ss) sobre Aleixo Garcia e os irmãos Góes onde aponta para as íntimas relações comerciais e familiares entre alguns colonos de Assunção e a vila de São Paulo. Os núcleos coloniais nunca foram tão distantes como insistiam as autoridades o que concorreu de certa forma contra as alianças celebradas entre os Guarani e os jesuítas no Itatim para fazer frente a encomendeiros e maloqueiros. O caráter híbrido dos costumes e práticas luso-espanholas é desvelado ainda em nossa culinária, música, medicina popular e até em nossa fala cheia de verbetes e topônimos Guarani.

A conquista do Itatim começou com a chegada, em Setembro de 1543, a Assunção do capitão espanhol Rui Diaz de Melgarejo, juntamente com Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, com o qual percorreu a mesma rota de Aleixo Garcia (1524-1526), do litoral de S. Catarina até Assunção. Nuflo Chaves estendeu os domínios espanhóis até *Santa Cruz de la Sierra* em 1560. (GADELHA, 1980, p. 211)

Preocupados em garantir a ocupação definitiva da região, os espanhóis lançaram-se à exploração do rio Paraná, visando garantir a livre navegação pelo rio Paraguai. Em 1580, os espanhóis fixam assento na região do Pantanal, quando Rui Diaz de Melgarejo fundou, na chamada Província do Itatim ou Itati, uma precária vila de nome de *San Tiago de Xerez* ou *Jerez*, no vale do rio Pardo e *Ciudad Real del Guahyrá*, em 1556, na desembocadura do rio Piquiri.

Os jesuítas, que percorreram o Itatim, partiram da *Ciudad Real del Guahyrá*, entre 1589 e 1599, época em que se solidificou a presença católica e jesuítica naquela região, pois foi a partir de 1589 que esta entrou em fase de consolidação, quando lá aportaram os primeiros padres jesuítas da Companhia de Jesus para atender a colonos e indígenas.

Para Jaime Cortesão, o Itatim era uma região estratégica para a comunicação entre o Brasil e o Peru, entre o vale do rio Paraguai e o Amazonas. Esta foi a principal causas dos longos conflitos entre bandeirantes e jesuítas na região. Os planos da missão do Itatim são do Pe. Diogo de Torres, primeiro provincial da província do Paraguai e datam de

1609 (Cf. CORTESÃO, 1951, p. 04) e seu objetivo era expandir as missões pelo Paraguai e pelo Chaco até o Amazonas.

Regina Gadelha já aponta outra razão para os conflitos ocorridos no Itatim. Para ela, os conflitos entre índios e colonos foram ocasionados pela sonegação da mão-de-obra indígena pelos jesuítas baseados em cédulas reais obtidas pelos seus procuradores junto à corte de Madri. Esta análise tem uma característica peculiar, ao considerar que os ataques paulistas às missões do Itatim não tinham relação com os conflitos entre jesuítas e os colonos de Xerez e Assunção.

A frente missionária do Itatim contava com cinco jesuítas, um superior e os outros quatro distribuídos dois em cada redução. A criação destas reduções começou com missões itinerantes de catequese que tinham por objetivo a redução dos índios em povoados. Uma das frentes missionárias localizava-se no povoado de Araquay, onde o principal cacique era Diego Paracu. O plano das quatro reduções tornou-se inviável devido aos ataques bandeirantes de 1632. (Cf. CORTESÃO, 1951, p. 84)

Trabalharam no Itatim os jesuítas Ignacio de Martino, Justo Mansilla, Diego Ferrer, Nicolás Henard e o irmão Mateo Fernández enviados do Guairá, em 1631, por Antonio Ruiz de Montoya. (CORTESÃO, 1951, p. 100)

A primeira missão que os jesuítas assumiram no Itatim foi entre os índios moradores das margens do rio Miranda e Paraguai, *encomendados* aos colonos de Xerez¹⁰. Os índios dos campos de Xerez eram chamados de "Gualachos", ou seja, falavam a língua Guarani por imposição, mas pertenciam a outro grupo étnico.

Segundo relato do jesuíta Manuel Berthold, em carta datada de 20/03/1652, escrita no Colégio de Assunção, a Missão do Itatim tinha por objetivo reduzir os infiéis da cidade de Xerez, *Itatines* e os chiriguanas. Neste lugar, os índios encontravam-se em pequenos povoados sem "curas" e sem igrejas. (Cf. CORTESÃO, 1951, p. 100)

Do mesmo que em Assunção, o sustento da cidade de Xerez foi garantido pelos Guarani *encomendados*. Neste contexto, o posterior estabelecimento dos jesuítas no Itatim, foi um empecilho às práticas dos colonos. Os jesuítas, após os primeiros anos de missão, não demoraram muito para perceber que, para os Guarani, não havia nenhuma contradição em dizer-se cristão, receber o batismo, beber a chicha, fazer a guerra aos inimigos "traíçoeiros" da outra banda do rio Paraguai (Guaicuru), possuir várias esposas e continuar sendo tratado pelo rezador (xamã). Aliás a presença dos missionários na aldeia significava um afluxo quase contínuo de anzóis, facões, machados, agulhas de costura, cavalos e algum gado além de legalmente não estarem mais sujeitos à *encomenda* por serem cristãos batizados e pagarem o tributo diretamente ao rei. Sem dúvida um ótimo negócio.

Uma outra possibilidade de abordagem é o mosaico cultural indígena que havia no Itatim onde, juntamente com a maioria Guarani, estavam reduzidas outras etnias falantes da língua guarani (índios que foram reduzidos à servidão e guaranizados) e índios que não eram guarani-falantes como os Guató e eventualmente populações aruaque e Mbayá.

Normalmente, a documentação etnográfica produzida pelos jesuítas e viajantes sobre esta região engloba todos os índios do Itatim como *itatines* e muitas vezes como Guarani-*Itatines*. Esta confusão entre os informantes deixa transparecer um certo desinteresse pela alteridade além de indicar a dificuldade dos missionários e colonos em conhecer as inúmeras parcialidades étnicas e a extensa rede de contato entre os grupos indígenas naquele porto indígena do rio Paraguai que era o Itatim. Poucas informações específicas temos sobre os Guarani-Itatim; da documentação pesquisada a mais completa é a carta do jesuíta Diego Ferrer. É ele quem afirma, na carta ânua de 21 de Agosto de 1633, que os índios das missões do Itatim não eram nem Guarani, nem Tupi, mas Temiminos, segundo ele, "*agiles para la caça*" (CORTESÃO, 1951, p. 30).

No século XVII, baseado em Cabeza de Vaca e Schmidel e em outras várias expedições espanholas à região, Pe. Diego Ferrer afirma que estes *Itatines* não eram verdadeiros Guarani nem Tupi, mas uma nação intermediária, por ele dividida em dois grupos lingüísticos: os Gualachos e os Guarani, os primeiros não falavam o guarani e compreendiam

vários grupos, os Guaná, os Tuno, os Mbayá, os Guarano, entre outros em número menor. Eles praticavam comércio com os *Itatines* e tinham como limite de seus domínios o rio Bermejo; compreendiam povos chaquenhos conhecidos também como Guaycuru e Guaycuriti. Entre os *Itatines*, os Guarani propriamente ditos autodenominavam-se de *ybityryguás*.

Segundo Métraux, citado por Regina GADELHA (1980, p. 256), o território dos Guarani, não ultrapassava o alto rio Miranda, embora ainda houvesse alguns grupos encontrados até nas imediações do rio Taquari que, evidentemente não eram Guarani, mas guaranizados. Todas as nações indígenas que habitavam entre o rio Miranda e o Apa eram chamadas de *Itatines*, apesar de o uso deste termo englobar diversas parcialidades conhecidas por nomes locais, de acordo com os nomes dos povoados ou de seus respectivos caciques.

É preciso ter claro, que ao utilizarmos o termo *Itatines*, não nos estamos referindo somente aos Guarani, uma vez que a região englobava diversos povos indígenas. No Itatim, Gadelha totaliza 11 grupos, 13 povoados e 33 caciques. (Cf. BECKER, 1992, p. 106)

Cada aldeia possuía seu cacique principal. No Paraguai colonial, os caciques aliados e "cristãos" eram agraciados com o honorífico título de "Don". Em *Nuestra Señora de la Fe*, há o caso do cacique Paracu, cujo nome, após a "conversão", passou a ser Don Diego Paracu. O cacique era escolhido de acordo com as suas virtudes pessoais e não pelo voto. O mando, de fato, estava nas mãos dos xamãs. No Itatim, o *Ñanduabuçu* é o principal e mais ouvido cacique e principal barreira à "conquista espiritual" intentada pelos jesuítas na região.

A mestiçagem é um fenômeno que ocorre em duplo sentido. Sobre este xamã encontram-se inúmeros relatos na documentação indicando que ele apresentava-se como um padre que "desbatizava" aqueles índios que haviam se tornado neófitos nas missões. Além disso ocorria uma disputa interna na missão entre dois rezadores: *Ñanduabuçu* e Paracu. Este último aliou-se aos jesuítas para ampliar seu prestígio e influência dentro da aldeia-missão.

Os Guarani converteram-se, no Itatim, sem tornarem-se cristãos no sentido ocidental atribuído a este termo. Eram verdadeiros macunaímas transitando entre o ocidente (missão-cristianismo) e um mundo exótico (floresta-aldeia) para os europeus e cristãos, mas familiar aos indígenas. Esta porosidade de caminhos deve-se à constatação de que as terras do Itatim não eram imunes aos males da civilização, por isso viam na mestiçagem uma estratégia não de ruptura mas de continuidade.

Bibliografia

ACADEMIA PARAGUAYA DE LA HISTORIA. **Historia Paraguaya**. V. XLII. Asunción, 2002.

BECKER, I. I. B. **Lideranças Indígenas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa, 1992.

BERNAND, Carmen, GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)**. São Paulo: Editora Universidade de S. Paulo, 1997.

CORTESÃO, J. (Org.). **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)**. I. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

CORTESÃO, J. (Org.). **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)**. II. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

COSTA, M. F. **História de um País Inexistente: O Pantanal entre os Séculos XVI e XVIII**. São Paulo: Kosmos, 1999.

GADELHA, R. M. A. F. **As Missões Jesuíticas do Itatim: um modelo das estruturas sócio-econômicas coloniais do Paraguai (séculos XVI e XVII)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. São Paulo Companhia das Letras, 2001.

MELIÁ, B.; SAUL, M. V.; MURARO, V. F. **O Guarani: uma bibliografia etnológica**. Santo Ângelo: Fundação Nacional Pró-Memória/FUNDAMES, 1987.

MONTEIRO, J. M. **Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

MONTOYA, A. R. **Conquista Espiritual feita pelos Religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape.** Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.

SUSNIK, B. *Etnografia Paraguaya*. I. Manuales del Museo Etnografico "Andres Barbero". Asunción, 1974.

Notas

¹ A conquista do Rio da Prata pela coroa castelhana consolidou-se com a fundação de Buenos Aires (1536), porém o Rio da Prata já era navegado pelos portugueses desde 1514.

² Pantanal inundado que no imaginário dos primeiros conquistadores da região do pantanal era uma lagoa mítica que se acreditava dava origem ao rio Paraguai. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca é o primeiro a descrever em seus comentários o fenômeno da inundação da região. Segundo ele, as inundações começavam por volta de Janeiro, estendendo-se até os meses de março-abril quando a terra volta a secar. Na verdade, a inundação pode estender-se até junho e também existem anos em que não se alaga completamente. A questão só foi solucionada no século XIX com estudiosos eruditos, naturalistas, botânicos, engenheiros e geólogos. Veja sobre o assunto: COSTA, M. F. **História de um País Inexistente**, p. 33-43; GADELHA, R. M. A. F. **As Missões Jesuíticas no Itatim**, p. 51-59.

³ Civilizador, adiantado, representante da coroa. Na América Portuguesa tivemos as capitanias e depois as províncias ao passo que na América Espanhol tivemos os *adelantazgos*.

⁴ O rio Apa era conhecido também como rio *Guaviañó*. Cf. SUSNIK, B. **Etnografía Paraguaya**, p. 112.

⁵ Alguns autores trazem a expressão *Butetey* suprimindo a letra "m" inicial. Porém para um não falante da língua guarani torna-se praticamente impossível saber que está palavra possui uma nasalização antes de ser pronunciada. Esta nasalização está representada graficamente pela letra "m".

⁶ Cf. MONTOYA, A. R. **Conquista Espiritual**, (1989) p. 63; CORTESÃO, J. **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá**, p. 173.

⁷ Cunhado. O *cuñadazgo* nas colônias espanholas guarda uma certa semelhança funcional com o *compadrio* das terras portuguesas. Este tipo de relações que foram forjadas na península ibéricas e transportadas para terras americanas têm servido de modelo para as relações políticas e laborais ainda hoje nas ex-colônias tanto espanholas quanto portuguesas.

⁸ Povoado colonial.

⁹ Mestiços.

¹⁰ A primeira referência a *encomendas* de índios nas vizinhanças de Xerez se dá em 17-04/1597, conforme o item IV (CORTESÃO, J. **Jesuítas e Bandeirantes no Itatim**, p. 11).